



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A PRÁTICA DE LEITURA: RELATO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Lidiane Herculano Macedo

Universidade Vale do Acaraú, E-mail: lidy-god@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal analisar uma sequência didática sobre as práticas de leitura desenvolvidas por um docente da Escola Municipal Cícero dos Anjos em São Vicente do Seridó/PB. Como se sabe o ato de ler é um processo amplo de compreensão de mundo. A leitura tem sido abordada de diferentes formas, por diferentes áreas do conhecimento, o que tem gerado inúmeras pesquisas e estudos relacionados a seu processo, concepções e estratégias. Na pesquisa realizada a docente incentivou a leitura, porém em alguns momentos realiza práticas como leitura coletiva em voz alta que inibiu a leitura de alguns discentes. Quando os discentes escolheram o que iriam ler desenvolveram melhor suas aptidões, pois, realizaram de forma prazerosa o ato de leitura.

Palavras-chave: Leitura. Motivação. Escola.

1 Introdução

A leitura é tomada como ferramenta capaz de levar os indivíduos à participação social e efetiva, garantindo a condição de cidadãos na sociedade contemporânea. Dessa forma, a escola detém o papel de formar leitores competentes, nela o aluno deve receber estímulos que o incentive a praticar a leitura, e isto deve ocorrer a partir de um trabalho organizado em torno da diversidade de textos que circulam socialmente e, sobretudo, que estes despertem na criança o prazer pela leitura para que não passe de um ato mecânico e obrigatório. Isto tem sido uma das razões para o fracasso da leitura nas escolas.

O ato de ler é um processo amplo de compreensão de mundo. Trata-se de um processo cognitivo, histórico, cultural e social. A leitura tem sido abordada de diferentes formas, por diferentes áreas do conhecimento, o que tem gerado inúmeras pesquisas e estudos a cerca do seu processo/concepções e estratégias. Os autores Marcuschi (2015), Cagliari (1999), Solé (1998), Freire (1986), Vygotsky (1991), Martins (2007), Morais (2004) e Costa & Souza (2006) em suas pesquisas revelam a importância, os conceitos e as estratégias da leitura, como também algumas práticas errôneas que geralmente são desenvolvidas em sala de aula.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN a atividade da leitura é considerada um processo ativo de compreensão e interpretação de textos, que leva em consideração uma série de fatores essenciais à construção de sentido do texto. Nesta linha de pensamento, Marcuschi (2015) afirma que “compreender não é uma ação linguística ou cognitiva, é muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir no mundo na relação com o outro dentro de uma cultura ou sociedade”.

O objetivo desse estudo consiste em analisar uma sequência didática sobre as práticas de leitura desenvolvidas por um docente da Escola Municipal Cícero dos Anjos em São Vicente do Seridó/PB.

2 Reflexões associadas ao tema leitura

Atualmente, as práticas de ensino da leitura no Ensino Fundamental deixam bastante a desejar, pois um dos fatores que contribui para essa realidade está associado à forma como o professor trabalha o aspecto da leitura em sala de aula, apenas como um ato mecânico para decodificação das palavras, desconsiderando a atividade crítica, cognitiva e interacional. Sobre as práticas de leitura exercida no âmbito escolar, Solé (1998, p.33) afirma: “considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas no próprio conceito do que é leitura, da forma em que é avaliada pelos professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola”.

É importante que o educador conheça as estratégias de leitura, e procure desenvolver no educando o domínio dessas estratégias, possibilitando desta forma, uma leitura significativa e principalmente a função que ela exerce tanto dentro como fora do ambiente escolar. Para isso, deve-se levar em conta que escola e sociedade estejam comprometidas com a leitura e com a formação de leitores para toda a vida.

Quando a escola oferece suporte para seus alunos, professores e pais, como acervos de livros, bibliotecas, baús de leitura, entre outros benefícios como auxílio e incentivo a leitura. O aluno tem como desenvolver suas habilidades literárias e ampliar sua visão de mundo desde que o educando e os pais trabalhem de forma adequada para que isso aconteça despertando o gosto pela leitura desde seus primeiros anos de vida.

Segundo Molina (1992), a partir do momento em que se reconhece o papel da escola na formação do leitor, apesar de todos os limites concretos, torna-se possível uma mudança de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

práticas, com o objetivo de dar ao aluno a competência em utilizar a leitura como um instrumento útil em sua vida, além da escola. Nesse sentido, observa-se que a escola poderá exercer um importante papel na formação de um leitor mais competente.

Uma das razões que tem contribuído para o fracasso na prática de leitura relaciona-se ao fato de que esta assume o papel apenas de ser trabalhada como método avaliativo, isto é, a leitura torna-se avaliação como forma de verificar se o aluno ler bem, se apresenta alguma dificuldade em determinadas palavras, limitando o conhecimento dos alunos à gramática, verificação de nomenclaturas e concordância. Desmerecendo o sentido que pode ser dado ao texto a partir de seu conhecimento cognitivo e pelo próprio texto.

Quem ler é um sujeito que atua socialmente, compreende o que está escrito a partir das relações que estabelece entre informações do texto e seu conhecimento de mundo. O leitor é sujeito ativo do processo. Na leitura não age apenas como decodificação, para ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentimentos. Ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida. Nesta perspectiva Freire (1986, p. 22) afirma que:

Ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão do texto, e também como vincular o texto, contexto com meu contexto, o contexto do leitor.

Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e de organizar o seu ensino. Para Vygotsky (1991), por exemplo, a linguagem é responsável pela mediação simbólica entre indivíduo e o mundo, e o ato de agir sobre ele. O ato de ler é bem mais que a definição da palavra propriamente dita, é entender, é interpretar, é debater, é comparar, é influenciar e ser influenciada, é propagar, é sentir o que se pensa.

Compreende-se que o processo de leitura não ocorre de uma hora para outra, mas sim com muito treino. Para a aquisição de a leitura ocorrer de fato é importante levar em consideração as condições que o indivíduo possui, sejam elas sociais, econômicas, ambientais, emocionais ou cognitivas.

A prática da leitura pode ocorrer de muitas maneiras, mas é o próprio leitor que dita o seu interesse, as suas motivações ou suas vontades que levarão ao hábito da leitura. Como nos diz Martins (2007, p.84) “o treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolvermos determinadas técnicas.” Mas, somente isto não basta, pois cada leitor possui sua maneira ou hábito de ler. Ainda ressalta Martins (2007, p.85) “cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante”.

Para ler o leitor leva em consideração a influência que recebe do ambiente ao seu redor, desde a sua posição para ler aos instrumentos que são utilizados em sua leitura. Uma criança, por exemplo, em seus primeiros contatos com os livros, se receberem incentivos para a prática da leitura, um estímulo de um adulto que certamente serve como inspiração para ela, mantendo contato desde cedo com leitores, dificilmente esta criança terá problemas com a prática da leitura.

Um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros e o contato com o teatro, cinema e música alargam os limites da mente. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL,1997, p.54):

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante da leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

O gosto pela leitura trará imensos benefícios que tornarão o indivíduo agente ativo no processo de interação, socialização, criatividade e etc. Deve-se levar em conta, é claro, as condições que cada indivíduo dispõe no processo de ensino e aprendizagem. Ler não deve ser algo sofrível, uma atividade por imposição ou por obrigação, usando livros didáticos como meio reprodutor de informações, excluindo o conhecimento dos alunos, sem que haja compreensão. Freire (1989, p.12) faz uma reflexão sobre algumas práticas errôneas de leitura:

Creio que muito de nossa insistência enquanto professores e professoras, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um, sem números de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler [...] não foram poucas as vezes que jovens estudantes me falaram de suas lutas as voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidos ou estudados.

Esta compreensão errônea a que se refere Freire é um exemplo de práticas que contribuem cada vez mais para que o leitor sinta-se desmotivado pelo ato de ler. Nesta



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

atividade o aluno dificilmente se preocupará em compreender o que ler e sim, em cumprir o que lhe foi exigido, tornando-se uma tarefa árdua e difícil. Um indivíduo só aprende a ler quando compreende o que lê, quando retira o significado do que leu e interpreta os sinais escritos. Neste aspecto, Morais ressalta:

Para ler, não basta apenas realizar a decodificação dos símbolos impressos, é necessário que exista, também, a compreensão e a análise crítica do material lido. [...] Sem a compreensão, a leitura deixa de ter interesse e de ser uma atividade motivadora [...]. Na verdade, só se pode considerar realmente que uma criança lê quando existe a compreensão. (MORAIS, 2004, p.17)

Assim, o maior desafio se encontra na necessidade da busca e criação de mecanismos que propiciem a atração pela leitura na mais tenra idade, na fase da infância, em que a criança está descobrindo seu mundo, está despertando para a realidade e tentando participar desta realidade com suas novas fantasias e descobertas.

Segundo Cagliari (1999, p. 148) “a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”, pois a leitura oferece oportunidade para o crescimento integral do ser humano. É isso que se deve levar em conta, pois são justamente essas crianças que estão em busca de sua herança, onde a partir dessa descoberta elas chegarão a vastos horizontes.

3 Metodologia

A pesquisa realizada possui caráter qualitativo e foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cícero dos Anjos, localizada à Avenida Senador Rui Carneiro, s/n, no município de São Vicente do Seridó/PB. Nessa instituição foram realizadas observações de uma sequência didática utilizada pela docente em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental (turno da tarde). Essa é composta por 19 alunos, sendo 10 do sexo feminino e 09 do sexo masculino, com faixa etária entre 09 e 10 anos de idade.

4 Resultados e Discussões

Durante o primeiro dia de observação da aula, foi apresentado à turma o gênero textual carta. De princípio houve uma conversação com o intuito de saber o conhecimento prévio do aluno. Durante esta conversação a professora lançou perguntas como:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- *Alguém já recebeu alguma carta?*

- *Por que as pessoas escrevem cartas?*

Estas perguntas como também outras feitas aos alunos provocaram neles a vontade de falar, gerando um pouco de tumulto.

Após a conversação que durou cerca de 40 minutos, a professora distribuiu aos alunos um texto mimeografado em folha de papel ofício, intitulado “A carta”. Foi realizada uma leitura coletiva (em voz alta), tendo a participação de todos (professor/aluno). Houve uma breve interpretação oral do texto lido, onde foi possível verificar as dificuldades de algumas crianças em interpretá-lo, outras, porém, mostraram um bom desempenho podendo se expressar com segurança. Ao término desta atividade, a docente fez uma interpretação escrita do texto sobre o gênero carta. As questões foram escritas num quadro de giz. O qual apresentou má conservação, dificultando a cópia dos alunos.

A docente mostrou preocupação quanto à compreensão de todos. Ela provocou a todo o momento os alunos que ficam mais reservados tentando ajudá-los. Porém, a proposta da professora em fazer uma leitura coletiva em voz alta por todos os alunos provocou um pouco de desconforto em alguns, pois aqueles que já “dominam” bem a leitura não se sentem inseguros diante da proposta, mas aqueles que ainda demonstram certa dificuldade sentem-se inibidos, e esta, portanto acaba tornando-se uma atividade torturante para eles, sem contar que após a “atividade de leitura”, veio outra prática errônea: o “questionário de perguntas” como forma de interpretação textual.

Infelizmente estas são práticas constantes nas salas de aula, como revela Solé (1998, p.34) “... a exclusividade com que a sequência leitora/perguntas/exercícios aparece, indica que para professores, autores e editores esta é a melhor e talvez a única forma de proceder no ensino da compreensão”. Porém, isso não quer dizer que essas práticas devem ser banidas das salas de aula, mas sim lembrando que se tratando do processo de leitura no cotidiano escolar, não vai ser “impondo” atividades de leitura que certamente obterá bons leitores.

Dando continuidade a aula ministrada, percebe-se que os alunos ficam à vontade para expressar suas dúvidas, como também para falar o que pensam sobre determinado assunto. Porém, o comportamento de alguns não favorecem o processo. São crianças que não permanecem sentadas por muito tempo, ou que não respeitam a vez do colega falar.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A interação aluno/professor é satisfatória. A docente atua como mediadora do conhecimento, mantendo uma relação de afetividade. Este é um fator fundamental no processo de ensino e aprendizagem, conforme afirma Costa e Souza:

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. A afetividade está ligada à autoestima e as formas de relacionamento entre aluno/aluno e professor/aluno. Um professor que não seja efetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de está criando um ambiente rico em afetividade (COSTA & SOUZA, 2006, p.12).

Sendo assim, um professor afetivo com seus alunos, que busca aproximação e realiza sua tarefa de mediador estará cumprindo um dos papéis fundamentais da docência. Por outro lado, a relação aluno/aluno é muitas vezes conflitante, surgem pequenos atritos que atrapalham a atuação docente e também a compreensão dos próprios alunos, apesar de alguns sentirem um pouco de dificuldade em relação ao conteúdo ministrado. Porém, a docente procurou adequá-lo a turma, buscando meios que facilitavam a aprendizagem de todos, desenvolvendo conteúdos de acordo com as necessidades de cada um.

Dando continuidade, a professora realizou uma exposição das cartas que circulam na sociedade, por exemplo: cartas pessoais, cartas formais e informais como também institucionais. Percebe-se que mesmo não dispondo de materiais que contribuam para um bom desempenho da aula a professora procura meios de despertar a curiosidade dos alunos deixando-os motivados. As crianças ficaram à vontade para ler as variadas cartas. A educadora propôs aos alunos uma roda de leitura, onde cada um lia o que mais lhe motivasse.

Esta é uma atividade livre que o aluno só continua lendo aquilo que lhe interessa e aquilo que está sendo compreendido, diferentemente da última atividade a professora atua como mediadora e os alunos vão construindo seu conhecimento à medida que vão compreendendo, pois é como Solé (1998) afirma a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. O aluno, na medida em que ler constrói suas próprias previsões e se elas se realizam a medida que leem, essa leitura torna-se mais atraente.

Ao decorrer desta atividade, os alunos levantavam suas próprias hipóteses, analisando as diferenças de estrutura, claro que isto acontecia de forma mediada pela



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professora. É importante ressaltar que a mesma incluiu perguntas como forma de motivar os alunos e também para averiguar se os conhecimentos anteriores estão efetivamente disponíveis e prontos para o conhecimento novo. Solé (1998, p. 43) diz que “uma atividade de leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado ao interesse da pessoa que tem que ler”.

As atitudes dos educandos frente às atividades propostas deixa claro que tinham seus conhecimentos linguísticos e isso era a todo o momento valorizado e explorado pela professora. Em outro momento a professora expôs um cartaz onde havia copiado um exemplo de carta pessoal e outro exemplo de carta formal de solicitação, fez a leitura em voz alta explicando o que diferenciava uma da outra.

Seguindo com as atividades a docente dividiu os alunos em duplas e propôs a elaboração de uma carta para algum colega da classe vizinha. Houve tumulto, pois alguns alunos escolheram as mesmas pessoas para envio das cartas. Contudo, a docente conseguiu acalmá-los, convencendo-lhes que embora escrevessem para as mesmas pessoas cada assunto seria diferente, pois se tratava de um texto pessoal.

Durante a atividade as crianças permaneceram concentradas, a professora manteve-se presente nos grupos, tirando as dúvidas que surgiam. Ao término da produção textual, a professora entregou envelopes para que colocassem a carta e explicou a forma de como se deveria preencher o envelope.

Para concluir, a professora realizou uma atividade escrita, com o objetivo de os alunos diferenciarem a estrutura de uma carta pessoal onde não exige a formalidade para uma carta formal que deve seguir uma norma culta. A atividade também levou o aluno a analisar que o assunto da carta muda de acordo com o destinatário. No caso da carta pessoal geralmente é um amigo ou familiar, ou seja, pessoas que são próximas do remetente, já uma carta comercial exige a formalidade por se destinar a uma grande variedade de pessoas.

Durante todo o processo de ensino e aprendizagem acontece a avaliação contínua. Todo o desenvolvimento do aluno em relação às atividades propostas é observado. A avaliação foi realizada a partir da observação de vários pontos, observando principalmente a melhora na aprendizagem dos alunos, valorizando seu desempenho a cada atividade proposta.

Diante da observação a docente manteve-se segura para ministrar os conteúdos da aula, demonstrando ótimas habilidades na comunicação, dispondo também de um tom de voz



adequado aos ouvintes. Quanto à utilização do tempo não foi tão aproveitável assim, pois a turma não seguiu o tempo estipulado atrasando a realização das atividades seguintes. Segundo a professora isso acontece frequentemente.

5 Conclusões

Diante de todas as reflexões e definições sobre o ato de leitura, merece destaque o ato de desenvolver competências leitoras em uma criança, e para que isso aconteça é necessário que os docentes apresentem o gosto pela leitura e saiba, sobretudo, avaliar o que é leitura.

As práticas de leitura vivenciadas em sala de aula revelam que ainda há muito que ser debatido e analisado. Desta forma, o ensino da leitura deixa de ser apenas o fato de extrair conteúdos dos textos lidos ou responder as questões de mera decodificação extraídas de livros didáticos.

As crianças devem participar ativamente das discussões dos textos lidos, fazendo uso de seus conhecimentos prévios, das sugestões abordadas pelos autores do texto e de outros recursos importantes para a compreensão da leitura. Desta forma, os primeiros passos para que a aprendizagem aconteça de forma significativa quem deve dar são os docentes que convivem diariamente com as crianças e a escola, e esses devem contribuir pedagogicamente para que isso aconteça.

A leitura, escolhida pela docente, realizada pelos discentes em voz alta inibiu os alunos que ainda estavam inseguros quanto a leitura. Porém, ao ser realizada uma leitura individual em que o texto foi escolhido pelos discentes de forma livre, com a mediação da docente, a leitura se tornou mais atraente.

6 Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1999.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

COSTA, K. S.; SOUZA, K. M. O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon. Disponível em:<[http:// www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.asp?f_id_artigo=549](http://www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.asp?f_id_artigo=549)>. Acesso em: 15 out. 2014.

FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e Ousadia: O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão textual como trabalho criativo. Disponível em:<<http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40358/3/01d17t07.pdf>> . Acesso em: 13/03/2015.

MARTINS, M. H. O que é leitura. 19a. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MOLINA, O. Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo. São Paulo: E.P.U., 1992.

MORAIS, A. Psicometricidade: Educação e Reeducação num enfoque Psicopedagógico. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.